

Filosofia e o método hipotético no *Mênon*, no *Fédon* e na *República*: semelhanças e dessemelhanças

Após investigação particularizada sobre como o método da hipótese se apresenta nas passagens metodológicas do *Mênon*, do *Fédon* e da *República*, chegamos ao momento de estabelecer semelhanças e dessemelhanças no seu conceito e aplicabilidade. Nosso objetivo é identificarmos, ao final da pesquisa, como este modelo argumentativo verdadeiramente se apresenta, com suas implicações e especificidades, vislumbrando o real papel que representa para a teoria do conhecimento de Platão e, por conseguinte, o seu desdobramento para uma nova fase metodológica – os diálogos da maturidade.

Destacamos três estudos fornecidos por comentadores, para a efetiva compreensão do que constitui para Platão, o emprego de hipóteses na busca da verdade. Robinson formula um quadro sinóptico contendo as principais características da hipótese nos diálogos platônicos, Crombie considera a noção de hipótese conectada com a noção de dialética e Yvon Lafrance parte de uma perspectiva comparativa entre as matemáticas e o método dialético, verificando até que ponto a influência desta ciência em Platão fundamentou os mecanismos essenciais para o desenvolvimento de sua metodologia científica.

Ao final das três interpretações podemos perceber, não obstante, que, num plano geral, todas elas objetivam responder à mesma questão principal. Afinal, como dar conta da diversidade de significados do conceito de hipótese e dos modos de considerá-los?

7.1.

Robinson e as características do método da hipótese

Robinson caracteriza a natureza do método hipotético através de cinco termos, que são: *hipótese*, *dedução*, *compatibilidade*, *provisório* e *aproximação*²⁶⁹.

A primeira característica é que o método requer, por um lado, que se deva sempre adotar as proposições de maneira consciente e deliberada, em vez de simplesmente aceitá-las e, por outro lado, que se deva sempre adotar uma *hipótese*, isto é, emitir uma opinião sob a forma de proposição ou de definição, em vez de simplesmente suspender o juízo. Apesar de não encontrarmos estas duas atitudes proferidas explicitamente nos diálogos, elas parecem estar envolvidas no que Platão pretende articular sobre o emprego de hipóteses.

A segunda característica é que o método hipotético é um procedimento essencialmente *dedutivo*, no qual fundamentalmente se procura explorar as implicações ou consequências das hipóteses que foram formuladas, e distinguir cuidadosamente entre as premissas e as conclusões, sem se preocupar tanto em justificar essas hipóteses mesmas, diferentemente do que ocorre com o método intuitivo. Essa dedução aparece claramente no *Fédon*, mas com mais perceptibilidade na linha segmentada da *República*, pois, nessa passagem, Platão identifica o método hipotético pelo prisma da matemática, como se constituindo de dedução.

As duas operações, a posição da hipótese e a extração das consequências, têm como objetivo principal a demonstração de uma conclusão que se desejou estabelecer; assim, o método apresenta, como terceira característica, um claro esforço em rejeitar toda *contradição*, avaliando como nulo todo conjunto de proposições que se contradigam, seja diretamente, ao afirmar uma mesma proposição verdadeira e falsa, ou indiretamente, afirmando duas proposições, uma das quais, em algum momento de seu desenvolvimento, insinua a falsidade da outra. Este é o exemplo da metáfora de acordo e desacordo que aparece no *Fédon*, quando Platão descreve pela primeira vez, nesse diálogo, o método da hipótese.

²⁶⁹ROBINSON. *op. cit.*, 1954, p. 253-68.

Evitar as contradições indiretas não é sustentar opiniões sem relação umas com as outras, mas, sim, sistematizar nossas opiniões num só corpo de crenças conciliadas e isso é realizado explorando-se as consequências das opiniões. O *elenchos* socrático é exploração das consequências de um conjunto de hipóteses, que revela entre elas uma contradição indireta. Somos, então, levados pelo ideal do encadeamento lógico a escolher entre nossas hipóteses e abandonar uma ou mais delas.

A quarta característica é que o método assume as opiniões das quais parte *provisoriamente* e não dogmaticamente, pois, se por um lado estimula-se a formação de hipóteses em lugar da suspensão do juízo, por outro deve-se ter em mente que essas hipóteses podem ser falsas, e que, portanto, é preciso estar pronto a abandoná-las se a consequência lógica exigir. Notemos que Sócrates não as revisa frequentemente, talvez porque, simplesmente, o Sócrates de Platão não pudesse agir desse modo sem tornar-se enfadonho. Este caráter provisório do método não indica timidez ou fragilidade no modo de manter as opiniões, ele assegura apenas que, enquanto uma hipótese não foi refutada, ela deve ser mantida com vigor e seguida com confiança²⁷⁰.

Quinta e última característica é que o método hipotético é um método de *aproximação*, uma vez que nosso conjunto inteiro de opiniões é remanejado, à medida que são reveladas contradições entre elas pelo processo de dedução²⁷¹, de modo que, com o passar do tempo, elas podem até se tornar cada vez mais adequadas, sem, entretanto, jamais poderem ser tomadas definitivamente, já que resta sempre a possibilidade de encontrar ainda outra contradição, e o método não dispõe de nenhum meio de converter esse provisório em certo.

Toda essa descrição de Robinson nos leva a concluir que esse modelo de investigação filosófica desempenha um papel de grande importância na aquisição do conhecimento; que não é um expediente facultativo, mas o método universal de todo pensamento sério; que o método privilegia a compreensão do raciocínio, do processo, do movimento do pensamento em busca do conhecimento, em vez de

²⁷⁰ PLATÃO. *República* III, 388 e IV, 436-437. Nesta passagem também é possível vislumbrar um exemplo do método hipotético, onde é demonstrado o movimento provisório de estar sempre pronto a considerar de novo toda hipótese e toda dedução. Cf. também *República* X, 610a e *Sofista*, 259a.

²⁷¹ Segundo Robinson é necessário destacar que, em nenhum momento, Platão qualifica assim o método hipotético nos diálogos.

valorizar a conclusão obtida; que é um método que se opõe ao dogmatismo do pensar que se dá por uma intuição direta da realidade, sem a obrigação de oferecer razões para suas declarações.

Mas isso não significa, segundo Robinson, que o método exclua a intuição. Em primeiro lugar, porque ele desenvolve, ao máximo, uma espécie de intuição: a intuição de que tal coisa, logicamente, acarreta tal outra. Em segundo lugar porque as hipóteses de que se parte têm de ser escolhidas de alguma maneira, e não há outra coisa senão a intuição para fazer essa escolha.

Assim, o que o método faz não é eliminar a intuição, mas “economizá-la” e “criticá-la”. Ele a economiza na medida em que a restringe quase inteiramente à intuição de uma implicação lógica que se repete; e a critica, na medida em que descarta outras intuições, ao examinar a coerência entre elas²⁷².

De qualquer forma, Platão aceita, na *República* que, usando o método da hipótese, é possível chegar a um princípio anipotético, de onde se poderia derivar, com segurança, todo o conhecimento. Isso parece em contradição com a descrição apresentada no *Fédon* do método da hipótese como um método apenas aproximativo e um *pis-alller*. Esse método aproximativo, aliás, parece mais de acordo com o método do *elenchos* socrático do que com um procedimento de inspiração geométrica, tal como sugerido na *República*.

Diante disso, fica-nos uma interrogação: existe mais de uma versão do método hipotético?

Em sua crítica a Robinson, Lafrance observa que, ao se examinar cada uma das cinco características do método da hipótese apontadas por Robinson, percebe-se que elas se afastam da investigação de origem geométrica, aproximando-se mais do método de perguntas e respostas, do método do *elenchos*.

Com efeito, três características, ao menos, levantam sérias dúvidas quando são aplicadas ao procedimento geométrico. Primeiro, a hipótese, a partir da qual se efetua o procedimento geométrico, não são opiniões *provisórias* e suscetíveis de serem revertidas durante a discussão. A demonstração geométrica, uma vez estabelecida, é aceita como definitiva e completa em relação ao objeto que se desejaria provar, não podendo, então, apresentar um caráter *provisório* e *aproximativo*. Restam então duas características que são comuns entre o *elenchos*

²⁷²ROBINSON. *op. cit.*, 1966, p. 109.

socrático e o procedimento geométrico: a *dedução* e a *compatibilidade*, características que, para Lafrance, podem ser reunidas em apenas uma: na *dedução coerente*.

Na passagem da linha segmentada, Platão reduziu todas essas características numa única: na *dedução*. O procedimento geométrico é, portanto, essencialmente um procedimento dedutivo. O próprio Robinson observou esse fato quando anotou, em seu texto, que essa dedutividade aparece claramente no *Fédon*, mas com mais transparência na *República*, em razão de, nesta última, Platão conceber o método da hipótese, pelo procedimento das matemáticas, como se compo de nada além do que *dedução*.

7.2.

Crombie e a conexão entre hipótese e dialética

Segundo Crombie, a noção de hipótese no *Mênon* e no *Fédon* é caracterizada pela *temporiedade* e esta conotação deve sempre reger os procedimentos quando nos falta a clara compreensão das coisas. Como a condição de perceber claramente é atribuída somente ao dialético, pode-se dizer que é diante da impossibilidade de alcançar a meta dialética que se estará obrigado a raciocinar hipoteticamente, o que significa tentar aproximar-se da meta dialética, tornando explícitas as relações lógicas entre noções distintas das quais se retém alguma memória e se está tentando lembrar.

Desse modo, para Crombie, o *Fédon* apresenta-se um pouco mais entusiasmado do que o *Mênon* sobre a utilidade do raciocínio hipotético. No *Mênon*, Sócrates reluta em discutir a questão “se a virtude é ou não ensinável” com o emprego do método “a partir de uma hipótese”, sem antes responder à questão principal, “o que é a virtude?”; enquanto no *Fédon*, ele nos diz que raciocinar hipoteticamente é sua prática habitual²⁷³. Conforme afirma o comentador, parece provável que Platão se tenha convencido, aos poucos, de que

²⁷³CROMBIE. *op. cit.*, p. 548-62.

não podemos, na prática, gastar nossa vida filosófica perguntando o que algo é e que, em razão disso, somos forçados a raciocinar hipoteticamente.

Na *República*, Crombie afirma que a noção de hipótese está intimamente conectada com o uso da noção de dialética, que é preciso assumi-las juntas e que Platão fornece no livro VII (532-4), algumas indicações em relação à natureza da dialética. São elas:

(1) A dialética é um tipo de visão intelectual e seu interesse é ver o que cada coisa é, ou seja, o universal. Isso deve ser levado a cabo, até que se alcance o objetivo do inteligível, ou, em outras palavras, até que se “veja”, por exemplo, virtudes como: a justiça, a coragem, a piedade, entre outras.

(2) Somente a dialética fornece discernimento, porém o trabalho preparatório, sem o qual esse discernimento não pode ser obtido é feito pelas matemáticas. Porquanto, para conseguir essa qualificação é necessário capacitação nessas ciências auxiliares que conduzirão a alma da espécie de lodo bárbaro em que está atolada, elevando-a as alturas.

(3) A diferença entre dialética e todas as outras atividades mentais é que estas ou são empíricas ou algo diferente; se elas possuem algum contato com realidades inteligíveis esse contato é ilusório. A razão disso é que elas usam hipóteses e dão-nas por sabidas, sem, contudo achar necessário prestar contas disso. Consequentemente, alcançam coerência, mas não conhecimento.

(4) A dialética é o único caminho que conduz para o ponto de partida, de forma que pode ser confirmada, destruindo as hipóteses.

(5) O estudioso da dialética é aquele que apreende o *logos* da *ousia* de cada coisa, ou seja, de cada Forma, estabelecendo relações de todas essas coisas juntas. Isso é uma virtude que raramente os matemáticos possuem, posto que eles raramente dão ou recebem descrições das coisas que dizem e, por conseguinte, não podem realmente entendê-las.

Os escassos e limitados exemplos sobre o método da hipótese, nos diálogos *Mênon*, *Fédon* e *República*, levam alguns autores a negar que exista tal método. Crombie entretanto, assegura que seria um erro optar por essa interpretação, embora reconheça as dificuldades de compreender exatamente em que ele consiste e qual é a sua relação com a dialética. No *Mênon*, por exemplo, Platão introduz gratuitamente o conceito de hipótese no argumento, assim como também no *Fédon* e na *República*, pouco revelando o que gostaríamos de saber sobre o

sentido que atribui à palavra hipótese e sobre algumas palavras a ela associadas. É como se Platão tivesse em mente algum corpo de doutrina privada, afirma Crombie, e não se desse conta de não nos ter dado suficientes indícios para que pudéssemos segui-lo; ou talvez ainda, Platão estivesse referindo-se a algo que era familiar aos seus contemporâneos, mas desconhecido por nós.

As escassas observações que Platão faz sobre o método da hipótese tendem a ser justificadas, pelo menos no caso do *Mênon*, por ser este um diálogo considerado como de transição e que não contém, ainda, o pensamento platônico da maturidade. Mas, acreditamos que Platão, já nesse diálogo, vai além do método das matemáticas. Exemplo disso é a passagem referente ao bem: “não dizemos que ela, a virtude, é um bem, e não nos fica esta hipótese: que ela é um bem?”²⁷⁴. A verificação da condição de a virtude ser representada como o bem próprio da alma, o bem como princípio primeiro, é diferente do princípio da hipótese da ciência matemática. Em outras palavras, o começo ao qual chega enfim a dialética é o bem, e o bem, segundo Platão, não pode ser demonstrado; ele é, ao contrário, a pressuposição de toda demonstração que não é hipotética. Consequentemente acreditamos ser possível reconhecer no *Mênon* uma prefiguração da crítica às matemáticas na *República* VI, que diferenciara a dialética e o método das matemáticas.

Outro importante ponto levantado por Crombie é a noção de que os termos “hipótese” e “dialética” estão interconectados. Mas, para ele, a hipótese é empregada apenas enquanto não conseguimos alcançar aquilo que objetivamos quando fazemos dialética. Com isso, não concordamos. Nossa interpretação é a de que o dialético necessita formular hipóteses para alcançar seu objetivo e que, ao empregar hipóteses na busca de seus propósitos filosóficos, ele estabelece um diálogo entre elas, ou seja, ele pratica dialética. E essa é, para nós, a real conexão existente entre esses dois termos.

Não obstante as resumidas indicações sobre a dialética, fornecidas por Platão no livro VII da *República*, partimos do pressuposto de que este termo permanece subentendido no que é tratado nos escritos platônicos e que, apesar de não se apresentar totalmente elucidado por Platão em seus diálogos, este parece

²⁷⁴PLATÃO. *Mênon*, 87d2-3. O conceito de “bem” descrito como supremo e absoluto, não suscetível de redução a qualquer outra coisa, é conferido na *República* VI, 510b.

ser mais do que a arte de raciocinar, no sentido socrático; mais do que o método de aprender por meio de perguntas e respostas; mais amplo do que o processo de dar uma descrição racional das coisas e de receber tal explicação. A dialética é mais do que um método lógico de dedução de consequências é um “dom” atribuído àquele que filosofa com toda pureza e justiça, e esta é à base da lógica platônica, apesar de não desenvolvida independentemente por Platão²⁷⁵.

Apesar de Platão pouco falar sobre o conceito (ou conceitos) ao qual este termo está conectado, para compreendermos seu significado, não podemos julgá-lo à luz da interpretação contemporânea, o que seria o mesmo que autorizar todos os subjetivismos; ou seja, devemos evitar associações com o uso de considerações kantianas, hegelianas, etc.

O termo dialética, lembra Crombie, é um adjetivo e o substantivo que ele qualifica, que pode estar explicitado ou subentendido, é *conhecimento*, *arte* ou *método*. A arte dialética é a arte de fazer algo relacionado ao verbo *dialegesthai*; logo, possuir a arte dialética é o mesmo que saber como *dialegesthai*²⁷⁶. Este verbo tem a forma e o sentido da voz média, que indica a participação do sujeito na ação que pratica ou o seu interesse nela, ou seja, o sujeito é a pessoa afetada ou beneficiada pela ação. O significado comum de *dialegesthai* é *trocar pensamento ou opiniões por palavras*, sentido esse do qual originou a palavra “diálogo”.

Na voz ativa, o significado comum de *dialegein* é *discriminar*. Xenofonte afirma, em seu *Memoráveis* (IV, 5, 12), que Sócrates conecta dialética com *dialegein* na voz ativa e que dialético (*dialektikos*) “é aquele que trabalha com dialética, que diferencia o bom do ruim, que discrimina as diversas coisas em seus tipos, aconselhando-se [seus praticantes] um com o outro”²⁷⁷. Quando estabelecemos um diálogo com outras pessoas, cada um de nós, tentando aprender com o outro, separamos coisas para nós mesmos e o único modo pelo qual um homem pode separar coisas para si é expor dessa maneira suas ideias, para a crítica do outro. Logo, o significado coloquial de *dialegesthai*, a saber, *trocar pensamentos e opiniões em palavras, como alguém deveria fazer*, pode ser visto

²⁷⁵Platão no *Sofista* (253d) mostra quais formas vão se harmonizar umas com as outras e quais não, aqueles que possuem essa arte poderão “dividir por gêneros, e não tomar por outra uma forma que é a mesma, nem pela mesma uma forma que é a outra”, já que esta, seria obra da ciência dialética.

²⁷⁶CROMBIE. *op. cit.*, p. 562-7.

²⁷⁷*Apud.* in CROMBIE. *op. cit.*, p. 563.

como equivalente ao significado ao qual a etimologia nos conduz sobre a voz média de *dialegein*, ou seja, *separar para si mesmo*.

Crombie assegura que na etimologia moderna, provavelmente, essa derivação de *dialegesthai* não seja aceita, e também não sabemos se Platão a aceitou. Entretanto, o testemunho de Xenofonte sugere que Sócrates pensou ser este um ponto bastante significativo e que, para ele e para Platão, *dialegesthai* e *dialektike* trazem a conotação, não somente de conversa que é sincera e caracterizada pelo dar e receber, mas, também, que o propósito de tal conversa é o de *ver cada coisa separadamente em sua verdadeira natureza*²⁷⁸.

Dialética seria, então, para Crombie, a tentativa de descobrir, re-descobrir ou rememorar a verdadeira natureza dos princípios racionais que reconhecemos de forma obscura em nosso pensamento, de descobrir a natureza de cada coisa como ela é, em isolamento de suas ocorrências sensíveis, e em relação a todas as outras. Mas, assim compreendida, não se vê claramente como a dialética poderia dispensar a hipótese, como ele parece pensar ser possível.

7.3.

Lafrance: o método matemático e platônico da hipótese

Segundo Lafrance, a enumeração das semelhanças e das diferenças existentes entre o método analítico dos geômetras gregos e o método dialético não parece ser capaz de nos levar a resultados satisfatórios. Grande parte dos comentadores das passagens metodológicas da *República*, do *Fédon*, do *Fedro* e do *Mênon* procede desse modo para chegar a resultados divergentes. Apesar disso, o comentador acredita ser possível alinhar para cada caso semelhanças e diferenças entre as exposições metodológicas, sem que, para tanto, isso resulte numa conclusão categórica, absoluta, a exemplo de Robinson²⁷⁹. De fato, seguindo esse método de levantamento de semelhanças e diferenças, afirma

²⁷⁸Ibid., p. 563.

²⁷⁹LAFRANCE. *op. cit.*, 1980, p. 85-6.

Lafrance, Robinson: (1) rejeita qualquer paralelismo entre o método dialético da *República* e o método de reunião e divisão do *Fedro* (265c – 266c); (2) rejeita a interpretação geométrica do método dialético tal como apresentada por Cornford, Milhaud e Stenzel; (3) mostra que a passagem metodológica do *Mênon* (86e-87b) não tem nada a ver com a da *República* (VI, 509d-511e), enquanto que a do *Fédon* (101d-e) constituiria o melhor paralelismo com essa, embora, segundo Lafrance, explicar a passagem da *República* pela passagem metodológica do *Fédon* é o mesmo que esclarecer a obscuridade de um texto por outro mais hermético ainda.

Entretanto, segundo Lafrance, se observarmos a questão de um ponto de vista diverso, poderíamos manter a distinção fundamental entre o método matemático e o método dialético e, ao mesmo tempo, estabelecer uma ligação comum entre as exposições metodológicas que revelam tanto semelhanças quanto diferenças. Para isso, diz ele, seria suficiente considerarmos o método matemático dos geômetras gregos como um paradigma sobre o qual Platão filosofa, pois cada uma das exposições metodológicas dos diálogos constituiria uma espécie de “variação”, em razão da geometria se revelar, na época, como uma ciência modelo.

Sendo assim, Platão buscaria encontrar nesta ciência paradigmática, os mecanismos fundamentais para sua metodologia científica. Como, por outro lado, a filosofia lhe parecesse como um saber distinto da geometria e, de forma geral, das matemáticas, é possível antever que o método geométrico se tenha submetido a modificações passando ao domínio de seu exercício filosófico. Nos seus extratos metodológicos, Platão emprega um ou outro aspecto do método matemático, podendo-se ressaltar quatro das suas características fundamentais:

- (1) o duplo movimento de regressão em direção a um princípio (análise) e de progressão em direção a uma conclusão (síntese);
- (2) o uso de hipóteses em diversos sentidos, seja como verdades de base seja como proposições provisórias;
- (3) o processo de dedução na maior parte dos casos, considerando-se o processo de intuição como o último caso (um *pis-alller*); e
- (4) a possibilidade de redução ao absurdo ou ao impossível.

Para Lafrance, as passagens sobre o método da hipótese em Platão compreendem todos, um ou outro aspecto deste arquétipo matemático, menos o

Mênon, que não compreende a característica (1), mas compreende as características (2), (3) e (4).

Com efeito, no *Mênon*, Sócrates deduz a proposição formulada como hipótese: “a virtude é ciência” a partir de duas outras proposições: “a virtude é um bem útil” e “todo bem supõe a ciência”; a outra parte da argumentação consiste em exibir a contraditória da proposição “a virtude é ciência”, isto é, “a virtude não é ciência” servindo-se de reciprocidades. Conclui-se, pois, que a virtude não tem mestres nem discípulos, por consequência, a virtude não é ensinada. E se não é ensinada, não é uma ciência. Essa é a aplicação da redução ao absurdo, característica (4) que se encontra na análise geométrica desse diálogo.

O *Fédon* compreende as características (1), (2) e (3). O método consiste em colocar uma hipótese, provavelmente uma proposição provisória, com vistas a apreender as consequências para ver se há acordo ou desacordo entre elas. Em seguida, para dar conta da hipótese em si mesma, o método exige colocar uma segunda hipótese na qual a primeira está implicada, e remontar, assim, até que se tenha atingido uma hipótese satisfatória. Em outras palavras, a hipótese digna de aceitação parece estar ligada a duas veias de articulação: primeiro, na questão da dedutibilidade, a coerência das consequências, e em segundo, o valor da própria hipótese. No caso do *Fédon*, sendo a imortalidade da alma o tema em questão, uma vez considerada a impossibilidade da verdade, a hipótese aí levantada (a teoria das Formas) é a melhor, a mais digna e a menos refutável.

O esquema geral da *República* reproduz os traços essenciais do método matemático. O procedimento *noético* consiste em considerar os princípios das ciências matemáticas, como princípios derivativos, isto é, hipóteses, e em remontar dessas hipóteses a um princípio universal e anipotético. Trata-se, pois, de um movimento regressivo da mente caracterizado como análise. Uma vez atingido esse princípio, a partir de então, o procedimento *noético* consiste em deduzir desse princípio universal certa propriedade para chegar à conclusão final, e esse seria o movimento da síntese, aquele que se encontra descrito no texto de Pappus de Alexandria. A *nóesis* em seu movimento descendente se confundiria, portanto, com a *dianoia* enquanto que esta se distinguiria dela pelo seu movimento ascendente que lhe é característico.

7.4.**O modelo metodológico da hipótese na filosofia platônica**

Poderíamos concluir, com Crombie, que Platão não demonstra interesse em utilizar o método hipotético dos geômetras gregos nos seus propósitos filosóficos, exatamente como os matemáticos o empregaram em suas demonstrações. Em outras palavras, Platão não estava preocupado com o rigor lógico. Em verdade, Platão mais sugere do que estabelece as suas teses. E talvez a dificuldade de entender exatamente o que é o método da hipótese se deva a essa característica de seu estilo de fazer filosofia.